

O EXTREMO SUL DA BAHIA QUE NÃO PERTENCE A BAHIA: da fragmentação estadual à busca de uma identidade regional

Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
cerqueiraneto.mg@gmail.com

RESUMO

O uso de alguns elementos culturais na análise espacial é mais um caminho dentro das ramificações da geografia que busca a compreensão da dinâmica que o homem impõe ao espaço nos diferentes momentos da história. Em certos casos de estudos regionais o mapeamento cultural é utilizado como método para organizar um Estado, como por exemplo, os territórios de identidade da Bahia. Mas, atualmente, a maior mobilidade das pessoas tem causado dificuldade da manutenção da cultura e dessa forma a sua aplicabilidade é limitada em determinados territórios. A trajetória geográfica do Extremo Sul da Bahia mostra que a ausência de uma identidade cultural regional produziu um cenário de autonomia fazendo com que essa região não mantenha ligações com os vetores que caracterizam a cultura baiana.

Palavras chave: espaço, cultura, Extremo Sul da Bahia, região.

ABSTRACT

The use of some cultural elements in spatial analysis is more a path within the branches of geography that seeks the understanding of the dynamics that man requires the space in different moments of history. In certain cases of regional studies cultural mapping is used as a method to organize a State, such as for example, the territories of identity of Bahia. But, currently, the greater mobility of people has caused difficulty of maintaining culture and thus its applicability is limited in certain territories. The geographic trajectory of the Extreme South of Bahia, shows that the absence of a regional cultural identity has produced a scenario of autonomy causing that region does not maintain links with the vectors that characterize the bahian culture.

Key Words: space, culture, Extreme South of Bahia, region.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma reflexão geográfica que está contida na minha tese de doutorado intitulada *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia* onde algumas questões sobre os agentes que são responsáveis por uma unidade estadual são analisadas. Entre as variáveis pesquisadas está a cultura, que é um importante meio na caracterização dos espaços.

A culturalização dos lugares é o motor das nossas inquietudes que se tornam investigações, sejam elas empíricas ou apoiadas num conjunto teórico; o que justifica a utilização com muita frequência, nesse texto, de autores que combinam geografia e cultura nos seus estudos. Porém, não a cultura vista somente com o significado de hábitos, crenças, músicas, gastronomias, rituais e uma infinidade de coisas, mas a cultura da produção espacial, do fazer.

Para Claval (2001, p.42) a abordagem cultural contribui com a eliminação de algumas limitações da análise geográfica e também procura “interrogar os homens sobre a experiência que têm daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças”.

Para elaborar este artigo fiz recorte dentro do Estado da Bahia objetivando explicar como funciona o seu Extremo Sul depois de ser alijada durante muito tempo em sua história dos programas de desenvolvimento dos governos baianos. O território, a região, o lugar, enfim, o espaço tem como principal agente transformador o homem, sem a sua interferência no decurso da história da Terra, implantando símbolos, substituindo as formas de produção, por exemplo, as pesquisas teriam pouca relevância. A culturalização, no sentido de humanização, dos lugares é o motor das inquietudes dos estudos geográficos. Daí a importância de dialogar com os autores que combinam espaços e cultura nos seus estudos. Porém, não a cultura vista somente com o significado de hábitos, crenças, músicas, gastronomia, rituais, mas a cultura da produção espacial, do fazer. Para Claval (2001, p.42) a abordagem cultural contribui com a eliminação de algumas limitações da análise geográfica,

Pois alarga e aprofunda consideravelmente o campo coberto pela geografia cultural (...). Além disso, seu impacto é muito maior, porque modifica a perspectiva global da geografia humana, que não tem mais simplesmente descrever a diversidade da Terra, inventariar os tipos de paisagens que se encontram nela e explicar as formas de organização do espaço que nela se desenvolveram; trata-se de interrogar os homens sobre a experiência que têm daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças.

A interpretação da trajetória geográfica do Extremo Sul da Bahia pode oferecer tanto o caminho de uma análise sob a óptica do crescimento do estado da Bahia como um todo, como também leva a pensar no surgimento de regiões autônomas, com evolução para a configuração de uma nova unidade federal ou um território nacional. Estudos sobre a primeira via são amplos e aceitos com maior facilidade. Enquanto que a segunda proposição é carente de uma metodologia e causa algum desconforto por uma série de fatores.

Quando se fez o recorte dentro do estado da Bahia para explicar como funciona o seu Extremo Sul, não se pensou em propor uma simples separação de áreas, até porque este processo é um acontecimento natural da evolução histórica do país, isto quer dizer que, o Brasil vem sendo redividido desde a chegada dos portugueses nessas terras. Então, a formação dos estados brasileiros é um processo de evolução administrativa e política que independe de um pensamento científico.

No entanto, neste começo de século, outros agentes estão influenciando nos novos arranjos dos territórios, como por exemplo, a alta velocidade com que as sociedades modificam seus hábitos, que por sua vez são regidas pelo mercado econômico bem aparelhado tecnologicamente e que, atualmente, é o ator principal na formação de novos lugares e novas regiões. Isso requer a elaboração de questionamentos sobre os (re) desenhos de algumas regiões bem como de Estados com dimensões territoriais que impeçam de produzir uma integração interna. Por outro lado, é necessária a revisão de políticas de integração regional. Ou seria por uma integração estadual?

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

O Extremo Sul da Bahia é uma região que está classificada pelo Estado da Bahia sob duas vertentes: como um território de identidade, um projeto que o Estado elaborou para mapear sua diversidade cultural, e a outra classificação é dada através daquilo que a região produz nos principais setores da economia, sendo uma região econômica entre as quinze delimitadas pelo Governo da Bahia; segundo a classificação do IBGE para microrregiões, na Bahia, o município de Porto Seguro representaria toda essa área que é o Extremo Sul, existindo então a microrregião de Porto Seguro que abrangeria todos os municípios localizados no Extremo Sul do Estado.

O Extremo Sul é composto por vinte e um municípios e suas fronteiras estão demarcadas da seguinte forma: ao Norte, Sudoeste da Bahia e Litoral Sul da Bahia; ao Sul, com o Estado do Espírito Santo; a Oeste, com Minas Gerais; e, a Leste, com o Oceano Atlântico. A sua posição geográfica no mapa do Brasil é privilegiada (figura 01), haja vista a região participar de um dos trechos mais importantes da BR 101 que faz a transição entre o Sudeste e o Nordeste do país.

Figura 01. Localização da região pesquisada



Elaboração: PORTO, Ronaldo R., 2007.

ÍNDIOS E NEGROS: REFERÊNCIA HISTÓRICA

Pode parecer um ritual normal citar índios e negros quando se quer compreender a cultura do país, mas, no caso Extremo Sul da Bahia é necessário referenciá-los, ainda que sucintamente, para justificar a atual situação cultural da região. Nos vinte e um municípios que compõem o Extremo Sul da Bahia é possível encontrar fragmentos de culturas passadas, seja na forma material e imaterial, como, por exemplo, através da corporeidade das pessoas descendentes de indígenas, que habitam de forma difusa o litoral ou estão em aldeias na parte continental dos municípios; e descendentes de antigos escravos que resistem dentro dos pequenos núcleos de quilombolas as ameaças da monocultura rural e pelo descaso das autoridades locais, estaduais e federal.

Na região os índios foram forçados a participarem, em algum grau, da urbanização, em decorrência do sufocamento de suas áreas e conseqüentemente a diminuição da capacidade de sobrevivência dentro dos limites de suas reservas. Em meio aos asfaltos e os concretos das construções das cidades é comum encontrar indígenas comercializando artesanato feito com elementos naturais que são encontrados em suas reservas já debilitadas ambientalmente ou estão ocupando outras atividades urbanas como, por exemplo, servirem ao turismo, não raro, de forma caricata do que seria sua cultura. Para Corrêa (2005, p.27), isto se configura numa tendência de “um esquema universal, onde as tradições culturais pré-capitalistas tendem progressivamente a ser relegadas ao folclore, constituindo-se em novas mercadorias exploradas capitalistamente pelo turismo”. Na verdade, este é o “fim” que esses povos estão tendo a partir do momento em que sua força de trabalho é alterada e sua distribuição pelo território se encontra totalmente dispersa, dificultando inclusive a continuidade de sua raça, e acabam sobrevivendo em pequenos focos e são obrigados a se adaptarem a vida moderna.

Dentro das aldeias os índios, de menor compreensão, talvez obedientes a uma hierarquia, controlados por seus chefes e que foram empurrados para as ruas em busca de sobrevivência, comumente são vistos como objetos de decoração, estátuas vivas para a apreciação atônita daqueles que só os conhecem através de figuras em livros, revistas etc. Muitos índios, sem opção para viver como seus antepassados, se tornaram um produto turístico não por estar exercendo hábitos que formam a sua estrutura cultural, mas por seu biótipo, sua corporeidade. Esses índios, dentro da classificação proposta por Ribeiro (1996, p.489), seriam enquadrados na categoria de integrados, que são aqueles que,

Tendo experimentado todas as compulsões referidas, conseguiram sobreviver, chegando a nossos dias ilhados em meio à população nacional, cuja a vida econômica vão se incorporando como reserva de mão-de-obra ou como produtores especializados em certos artigos para o comércio. Em geral vivem confinados em parcelas de seus antigos territórios, ou, despojados de suas terras, perambulam de um lugar a outro.

A presença de índios nas calçadas de Coroa Vermelha, distrito do município de Santa Cruz Cabrália, e nas margens da BR 101 com pequenos comércios montados em barracas onde são expostos adornos e alguma iguaria, faz parte de uma paisagem que expõe a fragilidade de políticas voltadas para esta etnia, não por estarem comercializando algo, mas da forma que é feita, sem amparo das autoridades dos municípios onde estão incluídos. Aliás, por ser responsabilidade da Fundação Nacional do Índio / FUNAI, a participação dos governos municipais que possuem tribos no seu território é nula, sem projetos de inclusão delas na sociedade. Dessa forma, são lembrados somente dezoito de abril, geralmente fazendo parte de uma atividade escolar ou quando ocupam áreas urbanas por algum protesto relativo às suas condições de vida.

Mesmo com toda a dificuldade de inserção na sociedade local, alguns índios conseguem se inserir na política, assim, algumas câmaras municipais têm se tornado um espaço de reivindicações e conquistas de direitos. Além disso, suas manifestações, suas lutas, também foram parar nos centros das cidades, imitando outros movimentos sociais como os dos Sem Terra, pois, é no espaço urbano que eles encontram meios de ecoarem seus “gritos” utilizando os diferentes meios de comunicação. “Para as comunidades, o grande desafio está em garantir o direito essencial que se traduz no acesso à terra” (SEI, 2008, p.38). Nesse exemplo, não seria simplesmente a nova relação entre espaços diferenciados na maneira de produção, mas, a nova relação entre etnias, em que uma delas sofreu um intenso processo de desterritorialização.

Como não há registro de que alguma tribo indígena que habita o Extremo Sul da Bahia viva em condições de isolamento total, o que se espera que é haja políticas para que os índios e seus descendentes tenham condições de participar mais atividade da dinâmica do cotidiano dos municípios ao quais pertencem. Que deixem de ser vistos como objetos de decoração para o turismo ou como alienígenas em terras que sempre fizeram parte de suas vidas.

O outro grupo de pessoas que merece relevância nesta discussão sobre este caldeirão de cultura que é o Extremo Sul Baiano, é aquele formado por pessoas que descendem de negros que tiveram um passado vivido sob o regime da escravidão. O distrito de Helvécia no município de Nova Viçosa, é talvez, o de maior referência para se mostrar a continuidade da segregação de uma etnia, que foi fundamental em diversos ciclos econômicos do país, mas que subjugada nos planos de desenvolvimento.

No Extremo Sul da Bahia a população negra que vive confinada em pequenos remanescentes de quilombolas necessitam lutar pelo reconhecimento e proteção de suas áreas, geralmente desprovidas de infraestrutura. Desta forma, as senzalas continuam a existir, sendo que a diferença está na retirada de suas paredes passando para uma prisão geográfica. Os distritos que abrigam as comunidades negras, com suas diversas origens, continuam a ser relegados a um plano inferior no que diz a sua inserção ampla. Ainda vivem de migalhas federais, estaduais e municipais, recebendo um tratamento especial, sempre com sentimentos de discriminação, como se não fizessem parte da sociedade do município, da região, do estado ou do país. De acordo com Machado, Maria (2002, p.342) este tipo de situação poderia ser definida assim: “a cultura apresenta-se como campo da luta multiforme entre o rígido e o flexível. Nesse campo indefinido, as tensões, os conflitos sociais, recursos e resistências manifestam-se”. Uma explicação para este tratamento, dispensado pela classe política, pode estar no fato de que a maioria dos administradores públicos, seja por descaso ou falta de conhecimento, não estabelecem projetos de preservação da cultura dos descendentes africanos; e com isso, certamente, a extinção destes povos passa a ser questão de tempo.

A CULTURA E O ESPAÇO

A cultura sempre foi um elemento importante para a identificação dos territórios, independentemente da escala destes, prova disso é que dentro do Brasil as criações das

regiões e dos estados tiveram como balizador o arcabouço cultural dos habitantes. Mas, nos dias atuais a parceria com o capital não somente descaracterizou algumas culturas como também a tornaram mais efêmeras, pois todo produto (é assim como a cultura está sendo tratada) tem seu período de valorização; assim, quando ela é cooptada pelo capital, perde o motivo da sua continuidade e seus símbolos passam a representar apenas adornos que enfeitam residências e peças revendidas em lojas distantes dos locais onde foram confeccionadas. Para a imensa maioria das pessoas que adquiriu, por exemplo, peças do artesanato indígena das tribos do Extremo Sul da Bahia elas não passam de um elemento exótico, não como algo que lhe faça pensar na sua simbologia. Apesar de haver críticas a essa relação, é ela que sustenta, quando o capital se interessa, algumas manifestações culturais e assim consegue prolongar sua existência num dado espaço, mesmo que desconfigurada de sua originalidade.

O homem moderno parece se afastar cada vez mais das suas origens, pois, a evolução dos meios de transportes e comunicação, a necessidade financeira, uma realização pessoal, podem estar contribuindo para que as pessoas fiquem menos tempo no lugar onde nasceu dificultando, assim, o enraizamento e, por conseguinte provocando um corte na perpetuação ou num prolongamento maior de uma cultura local ou regional. Esta dinamicidade que o indivíduo consegue estabelecer noutra território é própria da natureza do ser humano, tendo em vista que “de modo geral, a migração impõe aos indivíduos a necessidade de mudar o modo de ver os mundos interno e externo, ressurgindo daí novos valores que vão orientá-los a se organizar no novo ambiente” (CAVALCANTI, 2002, p.157). Desta forma, no Extremo Sul e em todas as regiões abertas, a cultura de cada um vai sendo introduzida de uma maneira natural, onde há uma “coexistência pacífica entre grupos étnicos e culturalmente diferentes” (MELLO, 2004, p.12), construindo novos arranjos territoriais. Neste sentido a cultura e a economia apresentam semelhanças em suas dinâmicas, haja vista que, é cada vez mais raro encontrar numa região uma identidade cultural pura ou uma atividade econômica que se sustente por um longo período num dado espaço.

Essas duas variáveis, que fazem parte de qualquer território, apresentam-se como dicotômicas no Extremo Sul da Bahia, tendo em vista que nos lugares mais fechados, isto é, mais isolados e menos atraentes, podem não ter um desenvolvimento econômico forte, mas podem conservar sua cultura por mais tempo que os lugares abertos. Seguindo esta lógica é perfeitamente normal que os ambientes e as sociedades das três maiores cidades dessa região baiana estejam bastante modificados em função das suas atividades econômicas. Em Eunápolis, por exemplo, restam poucos símbolos materiais da sua história como o maior povoado do mundo. Enquanto isso, cidades como Vereda, Jucuruçu e Lajedão, por exemplo, conseguem retardar a transformação do seu meio ambiente por serem menos produtivos economicamente.

Todavia, mesmo com suas dificuldades de sustentação, a cultura ainda continua sendo um elemento importante na diferenciação entre países, regiões e lugares. Na verdade o aumento do deslocamento pelo espaço, se de um lado não favoreceu o enraizamento, por outro lado, propiciou a mistura de culturas. A sede de viver plenamente a sua cultura levou muitos povos a procurarem um espaço no planeta para criarem o seu lugar, pois a identidade de um lugar é construída de “significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p.22). Junto com as pessoas, além dos sonhos de melhoria na qualidade de vida, vai também a cultura que cada um carrega do lugar de origem. Um bom exemplo desta fluidez da cultura pelo espaço é dado por Grupta; Ferguson (2000, p.32) quando descrevem o deslocamento dos “refugiados khmer nos EUA [que] levam a cultura khmer com eles, da mesma forma complicada como os imigrantes indianos na Inglaterra transportar a cultura indiana para sua nova pátria”. De maneira pacífica ou tumultuada, a cultura sempre acha um jeito de ser explicitada num território estranho. Contudo, nenhum território seria estranho se realmente o mundo fosse um só, destituído de muros geográficos. É na estrutura da história cultural de um povo que se pode obter informações sobre os ciclos da economia, do comportamento da política e a relação com a geografia onde ela está inserida; daí, ser uma ferramenta valiosa nos estudos geográficos onde o olhar humanista é a condução das análises.

Num estudo regional abrir mão da cultura seria negligenciar a participação do sujeito no contexto da formação de um território, pois, depois das características físicas do ambiente, os hábitos de uma sociedade talvez sejam os mais preponderantes para diferenciar os lugares. De acordo com Haesbaert (1999, p.24), estudar uma região “deve envolver, igualmente, as diferenças de natureza como aquelas de ordem mais estritamente cultural”. Mas qual seria a importância das novas culturas instaladas no Extremo Sul da Bahia proveniente de outras regiões do país e do mundo? Seria apenas para verificar a origem dos deslocamentos e suas causas? Neste caso não estaria apenas contabilizando o número de pessoas que chegam sem, necessariamente, levar em consideração os seus hábitos? Se a quantificação das pessoas e do que elas produzem passa a ser o objetivo principal de uma análise, sendo assim a cultura dessas pessoas seria irrelevante para a construção da região, mas a capacidade técnica delas é que sobressairia.

Utilizar a cultura como um instrumento de análise espacial não é de fácil manuseio, tendo em vista que cultura também é mais um daqueles léxicos de difícil definição, “pois a compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” (LARAIA, 1999, p.65). Portanto, não sendo este o objetivo desse texto, isto é, compreender a natureza do homem, procurou-se traçar um paralelo de alguns indicativos culturais que indicam que o Extremo Sul não possui características que seriam consideradas típicas da cultura baiana.

O QUE É CULTURA BAIANA?

Quando se fala em cultura baiana imediatamente remete-se a pensar que ela seja praticada em todos os municípios do estado. Ou será que não é assim? Ou cada município baiano teria uma cultura específica? Ao se buscar na história da Bahia os elementos que deram conformação a cultura que caracteriza o estado, verifica-se que as referências estão ligadas diretamente com a história de Salvador. O mais curioso é que Porto Seguro, sendo um centro mais antigo que Salvador, não tem papel preponderante no estado no que tange a ser um ícone da cultura da Bahia. Como foi relatado, nos capítulos anteriores, há uma lacuna entre o início do povoamento no Extremo Sul da Bahia e sua irradiação pelo resto do estado. No ano de 2008 quando se comemorou os 200 anos a chegada da família real em Salvador recebeu mais atenção na mídia do que a data do Descobrimento do Brasil (ou achamento, como dizem alguns historiadores).

Então, se é na cidade de Salvador onde estão os mais significativos símbolos da cultura baiana, tomou-a como base para pontuar no Extremo Sul a ocorrência deles, com o objetivo de estabelecer uma conexão entre o que é referenciado como cultura baiana e sua prática na região:

O carnaval: a folia de Momo realizada com uma infraestrutura gigantesca que acontece em Salvador é própria da capital baiana, mas não é o carnaval de toda a Bahia.

As lavagens das escadarias: a riqueza do conjunto arquitetônico, herança dos tempos do Brasil-Colônia, onde se tem a forte presença das belas igrejas centenárias não enfeita todos os municípios baianos, logo, as lavagens festivas que acontecem anualmente de suas escadas são e estão em Salvador.

Os trajes das baianas: cheios de significados religiosos fazem parte das baianas que vendem o acarajé e que cultivam seus rituais em terreiros de candomblé, sobretudo em Salvador e no Recôncavo. As demais baianas se vestem como todas as outras mulheres do Brasil.

Gastronomia: o cardápio das comidas típicas da Bahia não está presente em grande parte das cidades baianas, assim, como o acarajé (tombado pelo IPHAN em 1º. de dezembro de 2004) não se faz presente em todas as esquinas da Bahia.

Capoeira: uma luta, um esporte, uma arte, reconhecida também pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil, é vista com facilidade pela cidade de Salvador e no Recôncavo, porém, no interior está confinada em academias ou em raros centros culturais.

O falar cantado: o falar considerado musicalizado e tranquilo que dá ao baiano, principalmente ao soteropolitano, um sotaque que lhe é peculiar, não é pronunciado em toda a Bahia. Para Souza, A. (2001, p.11), geógrafo que destaca a importância dos estudos linguísticos no

mapeamento da cultura dos lugares, “as classificações dos idiomas e suas áreas de ocorrência. Podia-se ter, com nitidez, uma visão da localização e da extensão das áreas onde este ou aquele idioma é predominante”. Isto justifica relacionar a língua nesta lista de características que faz parte do que se conhece da cultura baiana, tendo em vista que esta variável é considerada como uma das mais importantes nos estudos sobre as diferenciações dos lugares.

A música: de acordo com Freitas (2000, p.35), “nos tempos recentes, apenas a música consegue fazer alguma aproximação num processo ainda indefinido, mas que poderia ser provisoriamente encarado como uma tentativa de canalizar a cultura (...)”. A música também é com certeza, uma característica fundamental na cultura de um povo, contudo, dentro de um estado das dimensões que tem a Bahia, também se torna difícil estabelecer ou escolher um estilo que represente todo o estado. O *axé music*, com certeza, não consegue fazer uma homogeneidade.

Elencar todas as analogias necessitaria uma tese específica sobre o assunto devido à grandiosidade e diversidade e de possibilidades que o estudo da cultura oferece, por isso, limitou-se colocar nesta amostragem alguns símbolos que pudessem servir de norteamento no sentido de identificar se há uma relação de práticas culturais realizadas em Salvador com o que se pratica no Extremo Sul da Bahia. Cultura baiana, que se confunde na sua abordagem com a cultura de Salvador, pode ter sua explicação no fato de que “muitas vezes, a cidade de Salvador ainda é chamada de Bahia”. (SILVA, B. 2004, p.09). Essa explicação remete a seguinte questão: é uma realidade, uma falta de conhecimento por aqueles que não conhecem a Bahia ou é um processo permitido e comandado por órgãos públicos e empresas privadas que utilizam da mídia para sedimentar este pensamento no Brasil e no exterior?

UM TERRITÓRIO DE TRANSIÇÃO

O tópico anterior mostra que além do Extremo Sul da Bahia não “atender” o que se chama de cultura baiana tomando como base a capital do estado não se pôde também caracterizá-la culturalmente, tendo em vista que a região não apresenta uma manifestação que seja típica dos seus moradores. No entanto, somente a análise empírica pode não satisfazer uma hipótese acadêmica, daí a necessidade de buscar o amparo teórico, mesmo que este faça parte de uma análise global, todavia, podendo ser adaptado a realidade de um estudo regional.

A delimitação geográfica da área pesquisada, entendida pelo seu conteúdo histórico, se insere como um dos pontos de referência nos estudos sobre a chegada dos portugueses no Brasil; o que a classifica cronologicamente uma região antiga; portanto, haveria uma lógica pensar na existência de uma cultura consolidada através de hábitos tradicionais que a caracterize. Entretanto, a região não apresenta ou não exprime esta sensação, mesmo abrigando símbolos que identifiquem o período do início da colonização em terras brasileiras, como por exemplo, o conjunto arquitetônico da cidade alta em Porto Seguro. A hipótese para esse contexto pode estar no fato de que os elementos do passado não conseguiram ser absorvidos pela sociedade e podem “não ter qualquer representatividade no futuro” (ALMEIDA; VARGAS, 1998, p.475); dessa forma, outros símbolos culturais são implantados ou sobrepostos sobre os outros criando uma espécie de estratificação das atividades humanas. Por outro lado, mesmo que a sociedade não adote alguns símbolos como integrantes da sua história, eles estarão presentes na forma física ou armazenados em pesquisas. No Extremo Sul da Bahia as manifestações culturais que objetivam prolongar os costumes antigos são praticadas nos pequenos municípios ou distritos; nos municípios com maior desenvolvimento econômico são realizadas festas apenas como mais uma possibilidade de aquecimento da economia local, sem caráter sentimental, e amplamente divulgado pelas mídias local, estadual e até mesmo nacional.

Se, se pensar que só existe cultura quando se tem uma longa história, então, posto desta forma, o Extremo Sul deveria apresentar um traço cultural próprio ou herdado das coisas que representam a Bahia. Mas, o que se percebe é que não há este símbolo. Diante da falta dessa existência poder-se-ia condenar a região como um território desprovido de cultura, o que seria um grande equívoco, pois se não há influência baiana, por outro lado, o Extremo Sul é um espaço multicultural que pode ser chamado de multiculturalismo, que segundo Gupta; Ferguson (2000, p.33), este fenômeno “é ao mesmo tempo, um débil reconhecimento do fato de que as culturas perderam suas amarras a lugares definidos, e uma tentativa de subsumir

essa pluralidade de culturas na moldura de uma identidade nacional”. Essa diversidade de culturas no território da região está relacionada com o contexto histórico da sua formação econômica e social caracterizada pelo recebimento de migrantes da Bahia, de outros estados e de outros países.

Talvez seja mais justo avaliar esse território como se ele estivesse passando por um momento de (re) construção de sua identidade partindo de suas novas manifestações e fixação de tradições, e, estas não precisam ser necessariamente seculares para existir (GIDDENS, 2000). Geralmente, essa situação ocorre em lugares que são habitados por pessoas que se enquadram no que Hall (1997, p.15) vai chamar de sociedades modernas que “são por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Por isso, é correto afirmar que existe uma cultura no Extremo Sul, ainda que ela não apareça como relevante na vida da população, que em sua maioria, é o resultado de um intenso processo de migração, haja vista que esta parte da Bahia se tornou uma área de atração populacional. E, isto pode ajudar a entender como que a região vai se tornando autônoma e se afastando econômica e socialmente do estado.

Essa dinâmica social que acontece em todas as escalas também é explicada por Cavalcanti (2002, p.145) quando diz que “a humanidade encontra-se num momento de trânsito dentro do qual são cruzados tempos e espaços diversos” e este trânsito mantém uma fluidez que atualmente torna-se difícil mapear as culturas no espaço. A intensidade dos deslocamentos que acontece nos dias atuais favorece a uma maior integração ou intercâmbio entre os diferentes povos fazendo com que os lugares abertos, livres de grandes barreiras burocráticas sejam potenciais receptores de culturas, levando em conta que cada pessoa seja um produtor cultural como sugere Featherstone (1995, p.18):

Em certo sentido todos somos produtores culturais, uma vez que nos entregamos a práticas que não só reproduzem os repertórios culturais de que somos providos e de que necessitamos, enquanto percorremos a vida social, como também, até certo ponto, somos capazes de modificar e moldar tais práticas, enquanto elas se estendem através da cadeia ininterrupta de gerações que constituem a vida humana.

Assim, sob o prisma proposto por Featherstone, pode-se dizer que o Extremo Sul da Bahia se tornou um caldeirão onde a mistura de culturas é a sua tônica. Essa indefinição cultural fez da região uma zona de transição cultural, tal qual é a sua classificação dentro do mapa dos Domínios Morfoclimáticos do Brasil encontrado em Ab’Saber (1970; 2003). Isto não implica em classificá-la como uma região menos rica que as outras onde há uma cultura definida.

A CONTRIBUIÇÃO DA ECONOMIA

A luminosidade que ocorre nos municípios do Extremo Sul da Bahia pode ser explicada por ela ter se tornado uma região que conseguiu “atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização” (SANTOS; SILVEIRA, 2005, p.264). Ao compreender que esta dinâmica da população tem uma íntima relação com a dinâmica cultural nesta região, faz-se necessário voltar, ainda que sucintamente, nas atividades econômicas com o objetivo de tratá-las, agora, como uma variável importante na montagem deste multiculturalismo que caracteriza o Extremo Sul.

A extração de madeira nativa foi a primeira atividade econômica que a região experimentou ainda no começo do século XVI, tendo o seu prolongamento até meados da década de 1980 quando há o esgotamento ambiental do Complexo Mata Atlântica. As características dessa atividade não permitem a prática de uma cultura por muito tempo, pois, a derrubada da mata era feita predominantemente por aventureiros, homens de passagem com pouca intenção de se fixarem na região; mas, deixavam os seus traços físicos através de seus breves relacionamentos com as mulheres. Na sua fase moderna, no século XX, o extrativismo vegetal foi comandado pelos capixabas que já dominavam as técnicas e possuíam equipamentos para tal tarefa, com isso tinham grande penetração no mercado nacional e internacional do comércio de madeira.

A “limpeza das terras”, como era visto o desmatamento, tinha um outro propósito que era o de facilitar a implantação de uma pecuária extensiva que utiliza vastas extensões de terras, formando os grandes latifúndios administrados sob o modelo coronelístico, onde “o motivo

primeiro do acordo tácito em relação ao poder pode ser simplesmente o medo, e o instrumento do poder será então a coerção pela força a ameaça de destruição do outro, ou seja, a violência. Esta é a potência desse poder” (CASTRO, 2005, p.102).A pecuária, de forte influência mineira, também será responsável por atrair pessoas para o Extremo Sul da Bahia, contudo, haverá uma dificuldade para a formação do chamado “espaço identitário” (ALMEIDA, 2005), até que o coronelismo comece a entrar em falência. A decadência deste tipo de conduta política vai favorecer novos tipos de manejo e uso da terra, como a implantação de outras de culturas, como o cultivo de frutas dominado pelos japoneses e seus descendentes, favorecendo a inclusão de mais uma etnia na região.

Nessa trajetória econômica a região chega ao século XXI sob a atuação de duas atividades, que por suas características, são naturalmente causa de atração populacional nos lugares onde se instalam, ampliando as possibilidades de misturas culturais: o turismo e o complexo da floresta-indústria do eucalipto. A primeira atividade tem sua dinâmica dependente do regime climático que diferencia a alta e a baixa estação; e, apesar de se caracterizar pela sazonalidade, praticada por pessoas que desejam desfrutar das belas naturais da Costa do Extremo Sul, o turismo, comprovadamente, atrai migrantes permanentes, seja por uma opção de vida longe dos grandes centros ou como oportunidades de empreendimentos.

No caso do eucalipto, pode-se partir por duas vias para explicar a sua repercussão: a primeira é que sua ocupação acontece por todos os municípios do Extremo Sul da Bahia, isto é, está presente tanto no litoral como no continente, seja através dos seus parques industriais, seja pelas suas áreas de cultivo. A segunda análise está no fato de que o cultivo de eucalipto tem o caráter de ser permanente, o que se traduz numa maior garantia para as pessoas que buscam empregos que não dependam, por exemplo, da dinâmica do clima. Dentro desse contexto pode-se afirmar que as grandes multinacionais da celulose fizeram com que esta parte da Bahia se tornasse um polo de atração populacional favorecendo substancialmente com o aumento da diversidade de pessoas, haja vista que para fazer funcionar todo o sistema de produção da fábrica foi preciso recrutar funcionários e empresas de outras regiões. A tabela 01, que mostra os dez municípios baianos que mais cresceram em relação ao número de habitantes, auxilia na confirmação desta dinâmica populacional que ocorre no Extremo Sul da Bahia desde o começo da década de 1990 até um fim do século XX.

Tabela 01. Municípios com os maiores índices de crescimento populacional na Bahia – 1991/2000

Municípios com maiores taxas de crescimento	Taxas de crescimento anual (%) da população total
Santa Cruz Cabrália	15,49
Porto Seguro	11,94
Mirante	5,89
Érico Cardoso	5,82
Ibicoara	5,77
Barra do Choça	5,67
Lauro de Freitas	5,62
Caatiba	5,35
Mucuri	5,30
Pirajá	4,97

Dados do IBGE dos censos 1991/2000, adaptado de Silva; Silva, B. (2003).

São migrações influenciadas por novos setores econômicos como o do turismo, da fruticultura e da agroindústria de papel e celulose, destacados nas análises de Silva; Silva (2003).

Em suma, pode parecer que a busca pelo desenvolvimento econômico suprimiu a criação de uma cultura local, porém, todas as etapas econômicas também fazem parte da construção de uma identidade, onde esta “vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 2000, p.23). Ainda que não exista, por parte de seus moradores, um sentimento de afetividade com o Extremo Sul da Bahia, porém, percebe-se no seu território algumas das variáveis listadas por Castells, e neste sentido parece haver um encaminhamento da formação de uma identidade regional. Esta análise cultural-econômica pode revelar que a identidade do Extremo Sul da Bahia está longe

de ser conseguida na sua totalidade, pois não se percebeu um sentimento regional, um regionalismo que possa ser típico dela. No entanto, isto não quer dizer que os moradores não tenham um sentimento de pertencimento nos lugares em que vivem. A justificativa para que a identidade seja uma variável fundamental na análise de um estudo que visa entender a dinâmica de uma região, um lugar ou um país pode ser explicada através de Moraes (2002, p.103): “quanto mais fortes e disseminados [são os] laços identitários, maior a facilidade na construção de uma unidade político-cultural”. Talvez, o Extremo Sul da Bahia esteja encaminhando para a construção de sua identidade e unidade, mas, por enquanto é apenas uma região bruta que cresce desorientada.

Através da amarração entre os vetores econômicos e culturais pôde-se verificar que eles contribuem efetivamente no processo da desterritorialização, que de acordo com Haesbaert (2002, p.29) é “a perda de referenciais espaciais, concretos, sob o domínio das relações imateriais”, e que está presente na atitude de pessoas que deixaram seus lugares de origem para estabelecerem na região. Por outro lado, há ao mesmo tempo um processo que vai desencadear a territorialidade, que está expresso nas “ações desenvolvidas por vários agentes sociais em uma determinada área geográfica e em um dado momento histórico” (MACHADO, Mônica 1997, p. 28). E, estas ações podem ser tanto na forma de exercer um controle demonstrando poder, como também podem ser demonstradas através de gestos de afetividade, como entendem Ribeiro; Mattos (2002).

A PROCURA DE UMA IDENTIDADE

Se a cultura é um elemento importante para o processo de reconhecimento das diferenças entre regiões, essa abordagem explicita uma dificuldade em identificar o Extremo Sul seja como uma identidade própria o sob o ponto de vista que se estabeleceu como cultura baiana. Esta percepção está ligada a duas questões: a primeira se refere à efemeridade das atividades econômicas na região, que contribuiu para dificultar a sedimentação do caráter identitário. E, a segunda pode estar no fato de que abra a mão de se discutir uma cultura regional e passa para o entendimento que numa região não exista uma só cultura, mas várias. Neste caso, seria mais confortável utilizar o pensamento de Claval (2001, p.50) sobre a manifestação da cultura numa dada área:

Não existe uma cultura unificada, pois esta é feita de elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente, o que quer dizer que cada um desenvolve sua própria cultura em função do meio ambiente onde vive, trabalha ou viaja, das dificuldades que encontra e da informação que recebe de fontes próximas ou distantes.

A reflexão de Claval adaptada para o contexto do Extremo Sul provoca alguns questionamentos: qual seria a importância de uma marca cultural para a região num mundo onde a economia serve de parâmetro para a escolha do lugar para se morar? Se o Extremo Sul não apresentar uma cultura que o caracterize qual seria o seu prejuízo? Para que isso ocorresse seria fundamental que os moradores aperfeiçoassem

Seus laços de coesão e solidariedade e, cada vez mais importante, a tendência de se organizar social e politicamente em busca de objetivos comuns, direcionados para o desenvolvimento efetivamente sustentado tanto de ponto de vista econômico-social com na perspectiva ambiental (SILVA; SILVA, 2003, p.10).

Fica evidenciado que a importância da identidade de uma sociedade com a região serve para verificar se há uma relação de solidariedade entre seus moradores em busca de um bem comum, e de que dele faz parte a interação com os aspectos físicos e com os símbolos deixados por gerações passadas. Em escala regional não se percebeu este panorama na região analisada, ela se apresenta neste momento apenas como uma área possível de realizações econômicas para pessoas e empresas; sem, no entanto, despertar vínculos afetivos na coletividade da população.

A análise da variável cultura, no Extremo Sul, baseada em alguns hábitos das pessoas e no que elas produzem, serviu como uma ferramenta para que se entendesse a dinâmica interna e externa da região, pois a culturalização do espaço só pode ser feita por uma sociedade. A leitura sobre esta variável também permitiu apresentar suas diferenças entre a região e o

estado da Bahia, afirmando que há uma miscigenação cultural sem que nenhuma sobressaia para caracterizar a região na sua totalidade. O que há nesta região é prevalência de forma de poder herdada do modo tradicional em se fazer política; esse talvez seja o único traço encontrado em todos os vinte e um municípios. Afora essa política perversa, as pessoas praticam o seu sotaque, agregam expressões do seu vocabulário, consomem algo típico da sua terra natal e vai procurando se adaptar a algumas manifestações culturais, disponibilizadas em eventos municipais, como por exemplo, a festa de São Pedro em Eunápolis. Esse tipo de evento se torna importante na medida em que “a cidade e a festa são elementos primordiais e permanentes da civilização, porque nelas os homens se encontram e alcançam os mais altos níveis de cooperação, criação, solidariedade e sociabilidade” (FERNANDES, 2004, p.55). Neste sentido, as festas populares quando abertas, sem nenhum tipo de mecanismo que reafirme o abismo social existente na sociedade, se tornam um espaço uno, onde todos podem assumir a sua ou outra cidadania.

CONCLUSÃO

Apesar de ser uma das áreas mais antigas no que tange ao povoamento do Brasil, o Extremo Sul não conseguiu ter uma cultura que a caracterizasse, o que pode ter contribuído para que tornasse aberta e receptiva à pessoas de outras regiões do país e de outras nacionalidades. De certo que região recebeu contribuições das populações de outras partes do Estado na sua organização social e econômica, porém, agrande leva de capixabas e mineiros, através do extrativismo vegetal e da pecuária, foi crucial para que a região tivesse a configuração cultural que se apresenta nesse momento da sua história, onde o Sudeste continuar a prolongar sua extensão para esse território através dos grandes empreendimentos que tem no eucalipto a matéria-prima principal de suas atividades, a chegada de profissionais liberais e pequenos e médios empreendedores. A citação das atividades econômicas nessa análise é pertinente a partir do momento em que se percebe que a região nunca foi, efetivamente, uma área de projeto de desenvolvimento da Bahia, mas um prolongamento das atividades do Sudeste, o que vai ser decisivo na sua formação sociocultural.

Na pesquisa que realizei não consegui constatar um símbolo cultural que identifique a região; existe uma cultura sim, mas, percebida através da corporeidade e de alguns costumes de indígenas ou negros, que ainda são conservados em pequenos municípios e distritos que se encontram opacos ou excluídos totalmente dos polos de desenvolvimento da região, mas que aos poucos vai sendo enterrada com a morte dos moradores mais antigos ou tentam sobreviver, as vezes de modo caricato, para atender ao turismo. Ou, ainda, se tornaram apenas de ruínas de alguma arquitetura rústica ou em cemitérios degradados, por exemplo.

Por fim, não se sabe quanto tempo será preciso para que o Extremo Sul da Bahia consiga encontrar um símbolo cultural que a identifique, talvez ela nunca o tenha. A sua condição como região do Estado da Bahia é apenas uma questão geográfica, haja vista que não há nenhuma ligação identitária com a capital do Estado. É possível que num futuro a região se torne uma unidade federal ou se insira em outra redivisão do território brasileiro, pois, se os mapas internos do Brasil não tiveram como parâmetro a questão ambiental ou matemática para existirem, com certeza, a variável cultural é um vetor de extrema relevância.

Esse texto não tem a pretensão de propor que o Extremo Sul da Bahia se torne um estado; o que foi apresentado aqui é apenas uma leitura do que é a região no final da primeira década do século XXI. No entanto, se existe uma crise sobre este assunto tanto no meio político quanto acadêmico é porque ela ainda não foi totalmente solucionada, e assim continua a fazer parte da história do país, portanto, intrínseca as questões internas, justamente porque o Brasil é rico em diversidade cultural e ambiental. E, o grande desafio é fazer com que esta diversidade ao invés de dividir, una o país sob um sentimento maior de pertencimento nacional independente da quantidade de unidades federais e territórios.

No atual contexto, do período histórico pela qual a região está vivenciando, pode-se dizer que o Extremo Sul da Bahia é, geograficamente, pertencente ao maior estado do Nordeste, mas também tem uma história que a difere das outras demais regiões que pertencem a Bahia. Mas, ter uma história própria é inerente as regiões estaduais, principalmente em estados que possuem grandes territórios. Criar uma unidade federal somente através das características do seu povoamento não se configura numa variável decisiva para o processo. A criação de outras

unidades pode ser pensada para ajustar a uma nova dinâmica de uma sociedade regional que necessita e exige de um amparo maior por parte de quem decide os rumos do desenvolvimento no país. Por enquanto, o Extremo Sul da Bahia é o retrato do Brasil no que se refere as desigualdades entre os lugares. Assim como o Brasil não se tornou uno, o Extremo Sul Baiano cada dia mais se fragmenta sob os interesses financeiros e políticos, caminhando na direção contrária da integração, porém buscando a sua identidade.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz N. **Geomorfologia – províncias geológicas e domínios morfoclimáticos do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Geografia, 1970.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**. n.2, 2005. p.102-114.

ALMEIDA, Maria Geralda e VARGAS, Maria Augusta. **A dimensão cultural do sertão sergipano**. In: José A. F. Diniz e Vera L. A. França (orgs.). Capítulos de geografia nordestina. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klaus B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Helenilda. **O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo**. In: Joanildo A. Burity. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, R. L. (orgs.) *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias geográficas**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. Tradução: Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Nelson da N. A cidade, a festa e a cultura popular. **Revista Geographia** / Depto. De Geografia da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, ano VI, nº11, Dezembro de 2004. p.55-61.

FREITAS, Antônio F.G. Eu vou para a Bahia: a construção da regionalidade contemporânea. **Revista Análise & Dados**. Salvador, SEI, v.9, nº4, p.24-37. março, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Broges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GRUPTA, Akhil e FERGUNSON, James. **Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença**. In: ARANTES, Antônio A.,(org.). *O espaço da diferença*. Campinas (SP): Papius, 2000. p. 30-47.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. **Território Territórios/Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo-UFF/AGB**. Niterói. 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. *Geographia*. Ano I, n.01, 1999. p.15-39.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MACHADO, Maria C. T. **Cultura popular: por um contínuo refazer de práticas e representações.** In: PATRIOTA, R e RAMOS, A. F. (orgs.). História e cultura: espaços plurais. Uberlândia-MG: Aspectus, 2002.

MACHADO, Mônica S. **Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade.** GEO UERJ, n.1. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia da UERJ, 1997.

MELLO, Beliza A. de Arruda. **Cultura popular e multiculturalismo.** Revista Vivência, n.27, 2004.

MORAES, Antônio C. Robert. **Território e história no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 7ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RIBEIRO Miguel A.; MATTOS, Rogério B. **Territórios da prostituição de rua na área central do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras: bacias do Extremo Sul da Bahia e do Rio Jequitinhonha.** Salvador: SEI, 2008.

SILVA, Bárbara-Christine N. (et al). **Atlas geográfico: espaço geo-histórico e cultural.** 2ed. João Pessoa (PB): Grafset, 2004.

SILVA, Sylvio C.B.M. e SILVA, Barbara-Christine N. **Estudos sobre globalização, território e Bahia.** Salvador: UFBA, 2003.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia lingüística: dominação e liberdade.** São Paulo: Contexto, 2001.